



A COMPREENSÃO DA DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA

Rev. Otávio Augusto Freitas da Silva¹

RESUMO

O presente artigo visa expor o estudo teológico da doutrina da providência, tema por muitas vezes esquecido na atualidade, mas que é central na caminhada de fé cristã. Essa doutrina defende que Deus rege o universo segundo o beneplácito da sua vontade, utilizando até mesmo situações complexas aos olhos humanos, para realizar os seus decretos, sem que absolutamente nada lhe escape do controle. Assim, com todo cuidado paternal, ainda que não entendamos, há um objetivo sublime para os que amam ao Senhor, que é sermos conformes a imagem do Filho, sendo conduzidos para a morada celeste, processo este que o próprio Deus garante. Mesmo diante de um mundo que vive em oposição a Deus, o cristão pode ter conforto e certeza de que ele está regendo a sua história, inclusive em momentos difíceis e de grande aflição. Para a defesa desse artigo, além de considerarmos literaturas que corroborem nosso entendimento a respeito da doutrina, abordaremos um dos textos mais significativos do Novo Testamento quanto à segurança do cristão na Providência Divina, apresentado pelo apóstolo Paulo em Romanos 8:28-30. Este trabalho consiste em exibir de forma sucinta a doutrina da providência, negando a aparente ideia de que Deus não possui um controle exaustivo do cosmo e nem se relaciona com os seus. Ao fim desse artigo o leitor poderá concluir que o Senhor age providencialmente a todo momento, cooperando de forma especial com o seu povo. Dessa forma, a doutrina da providência deve ser lembrada como a certeza de que o propósito final da vida dos filhos de Deus é alcançado pela perfeita condução do Senhor para o bem dos que o amam.

PALAVRAS-CHAVE: Criador; Deus; Doutrina da Providência; Propósito; Sagradas Escrituras; Soberania.

ABSTRACT

The aim of this article is to present a theological study of the doctrine of providence, a topic that is often forgotten today, but which is central to the Christian faith journey. This doctrine

¹ O autor é pastor presbiteriano na Igreja Presbiteriana da Esperança em Mal. Hermes, RJ. Este artigo foi escrito como requisito para a Pós-graduação em Estudos Bíblicos do Novo Testamento no Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton (STPS). E-mail: otavioaugustofs@gmail.com.

argues that God governs the universe according to the good pleasure of his will, using even complex situations in human eyes to carry out his decrees, with absolutely nothing escaping his control. So, with all this paternal care, even if we don't understand it, there is a sublime goal for those who love the Lord, which is to be conformed to the image of the Son, being led to the heavenly dwelling, a process that God himself guarantees. Even in the face of a world that lives in opposition to God, Christians can take comfort in the certainty that he is governing their history, even in difficult times and times of great affliction. To defend this article, in addition to considering literature that corroborates our understanding of the doctrine, we will address one of the most significant texts in the New Testament regarding the Christian's security in Divine Providence, presented by the apostle Paul in Romans 8:28-30. This work consists of succinctly displaying the doctrine of providence, denying the apparent idea that God does not have exhaustive control of the cosmos nor does he relate to his own. At the end of this article, the reader will be able to conclude that the Lord acts providentially at all times, cooperating in a special way with his people. In this way, the doctrine of providence should be remembered as the certainty that the ultimate purpose of the lives of God's children is achieved by the Lord's perfect guidance for the good of those who love him.

KEYWORDS: Creator; God; Doctrine of Providence; Purpose; Holy Scriptures; Sovereignty.

INTRODUÇÃO

Diante de um mundo que busca constantemente se desviar da existência de Deus, procurando ser autônomo em relação a ele desde a Queda, e em meio aos mais variados acontecimentos da história, com frequência é levantada a ideia de que não há um propósito para todas as ocorrências do universo. Isso é facilmente perceptível ao analisarmos como o mundo tem se comportado frente aos acontecimentos mais comuns. Por exemplo, muitos olham a beleza do cosmo e pressupõem não haver uma ordem em tudo o que existe.

Uma parte da humanidade olha para os acontecimentos da vida como simples acidentes ou ações realizadas apenas pela obra do homem. Outros são levados a crer em forças impessoais que regem o universo, como o destino ou o acaso. Em alguns casos, se crê que a própria natureza seria aquilo que determina a ação de todos os acontecimentos. Dentre variadas visões existentes, algumas têm adentrado de maneira quase que imperceptível o meio cristão e expurgado o verdadeiro conhecimento em relação ao sentido que Deus dá a todas as coisas. De forma quase que natural, cristãos têm se entregado aos costumes do mundo e adotado ações e pensamentos divergentes dos da Escritura. Atribuem aos acontecimentos palavras como sorte, azar, acaso, destino ou até mesmo Mãe Natureza, associando um tipo de força impessoal ao governo de tudo o que existe.

O estudo da doutrina da providência divina tem como objetivo demonstrar a relação de Deus com o mundo e, de forma mais específica, a relação de Deus com a raça humana, sendo uma resposta para os pensamentos apresentados anteriormente que são latentes no mundo. A

partir dessa linha de entendimento, surge o estudo da teleologia que pode ser definido como o estudo da finalidade do universo, ou seja, o propósito da criação guiada pela mão providencial de Deus.

Muitos, influenciados por uma diversidade de pensamentos, têm se desviado do conceito central de uma regência cósmica realizada pelo Deus bíblico. Para intensificar esse viés contrário às Escrituras Sagradas, notamos que, na história da raça humana, sempre houve pessoas que matam por prazer, guerras ocorrem frequentemente, aparentando nunca cessarem, e homens destroem constantemente a criação de Deus. Injustiças ocorrem todos os dias e bons homens e mulheres sofrem severas punições enquanto pessoas de má índole são impropriamente inocentadas. Há fome em diversos pontos da terra, catástrofes naturais como tempestades, furacões, erupções vulcânicas e tsunamis devastam cidades e destroem lares e famílias. No decorrer dos tempos, doenças devastaram vidas e hoje somos testemunhas da maior pandemia já vista nesse século. Pessoas de diferentes classes sociais, raças, idades, sexos e religiões sofreram desse mal, ou seja, todos se encontraram sujeitos à contaminação e à morte, sem distinção. São centenas de milhares de mortos até hoje no nosso país, o que causa muita tristeza e muitas dúvidas na mente da população, principalmente quanto à regência de Deus no mundo, levando muitos a pensarem que, se há um Deus, este estaria totalmente distante ou não dando a importância que se esperava de um Deus conhecido como um Deus de amor.

Não conseguimos compreender o porquê Deus permite que tudo isso aconteça. Como cristãos, somos afligidos diariamente por variados casos. Vamos aos cultos do Senhor, oramos, buscamos agir com fidelidade, exercer a piedade, mas, mesmo assim, padecemos ao ver a morte de familiares, ao adoecermos, ao sermos injustiçados ou no simples fato de nos dirigirmos ao nosso trabalho e sermos surpreendidos pela ação maligna de assaltos e roubos cometidos por homens sem temor algum a Deus. Ao demonstrarmos nossa fé em Cristo, somos perseguidos, maltratados, injuriados e excluídos em diferentes ambientes. E, apesar de tudo isso, permanecemos fiéis ao chamado de Deus. Coisas ruins acontecem aos cristãos assim como acontecem aos não cristãos. De igual modo, coisas boas também ocorrem para ambos. Mas é necessário saber que há um diferencial e misericordioso agir de Deus entre essas duas classes. Deus cuida de maneira especial dos seus. Para seu povo, há uma condução na história realizada de forma extraordinária com um propósito superior ao do mundo.

O ensino a respeito da ação de Deus e seu governo soberano na história pode ser observado por toda Escritura, mas, em especial, é o apóstolo Paulo que escreve uma das mensagens mais belas a esse respeito ao enviar sua carta aos romanos. Em Romanos 8:28-30, Paulo afirma que Deus age em todas as circunstâncias para o benefício dos que foram redimidos

pelo sangue de seu Filho, com a finalidade de fazê-los semelhantes ao próprio Jesus. Sua mensagem visa dar aos cristãos a segurança da vida eterna em Cristo, ainda que diante de todos os males presentes no mundo. O apóstolo ensina aos seus leitores que permaneçam fiéis e confiantes na obra que o Senhor Deus já garantiu, dando a certeza aos cristãos da glória que virá, pois é Deus quem a garante.

A motivação para esse trabalho está na necessidade de muitos cristãos compreenderem a poderosa segurança e conforto que há no Deus da providência. Assim, esse artigo procura servir à igreja de Cristo – enfatizando a importância do conhecimento dessa doutrina, especialmente diante das adversidades do presente tempo – buscando, assim, fortalecê-la. O trabalho consiste em apresentar, de forma sucinta, estudos históricos e exegéticos, através de pesquisas bibliográficas, valendo-se, para defesa dos argumentos, de referenciais teóricos da teologia reformada. As normas metodológicas para formulação dessa obra seguem a ABNT e o Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton.

Os tópicos a seguir tratarão, em primeiro lugar, do abandono da doutrina da providência, realizado por variadas cosmovisões, culminando no abandono dessa doutrina por muitos cristãos. Em seguida, veremos como se apresenta a doutrina da providência dentro do Novo Testamento, realizando, para tanto, um panorama nos Evangelhos, Atos dos apóstolos e na visão paulina. Em terceiro lugar, será realizada uma exegese no texto de Romanos 8:28-30, a fim de investigar sua contribuição para a doutrina em questão. Por fim, concluiremos com as implicações desses ensinamentos para a igreja de Jesus Cristo nos dias de hoje.

Portanto, o objetivo deste trabalho é o de apresentar a doutrina da providência e seu estudo como sendo de extrema importância para garantir conforto e segurança ao povo de Deus, sabendo que ele tem cuidado de cada ponto do espaço e que nada foge do seu controle. Para isso, lidaremos com as seguintes questões: será que Deus possui controle de cada mínimo detalhe da história? É Deus quem conduz a história da humanidade? O cristão poderia encontrar certeza de segurança em um Deus que não possa ter todo domínio? O Criador realmente interage com sua criação? Mas, de início, veremos como a ideia do domínio de Deus sobre o cosmo foi sendo deixada de lado ao longo dos tempos, o que contribuirá para o esclarecimento do assunto abordado mais adiante.

1. O ABANDONO DA DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA

Ao longo da história, a igreja se deparou com diversos tipos de pensamentos contrários aos entregues pela Palavra de Deus. As cosmovisões que circundavam a vida dos cristãos eram opostas em profundos aspectos. O pensamento cristão a respeito do propósito do universo, sobre os planos de Deus e a raça humana, é baseado primordialmente no evento da criação, realizado a partir do falar do Criador. A providência de Deus seria o seu cuidado constante na obra da sua criação. Mas, no decorrer da caminhada da humanidade, houve muitas maneiras de se buscar entender o universo e o seu propósito longe dos ensinamentos da Sagrada Escritura, sendo geradas várias concepções errôneas sobre a condução do mundo.

Quando paramos para analisar a história e o próprio ambiente de desenvolvimento do pensamento cristão, é impossível descartar o contato com a cultura grega. Suas ideias e filosofias foram de forte oposição ao pensamento bíblico e se mantêm firmes até os dias de hoje em muitos dos seus aspectos. De acordo com o entendimento dos epicureus, não havia governo ou ordem no mundo, e o que predominava era o conceito do acaso. Para eles a grande finalidade da existência era se ter uma vida rodeada de prazeres benéficos. Conforme cita Tenney:

O epicurismo era essencialmente antirreligioso. Se o mundo teve sua origem na matéria, e ele surgiu por acaso, então não era necessário a existência de um poder criador. Se é o acaso que domina o resultado dos assuntos cósmicos, então não há lugar para uma Mente com um fim em vista, uma Mente diretiva. Os epicuristas, sem dúvida alguma, falavam a respeito dos deuses, como eles os retratavam, fechados em um asilo de felicidade, gozavam o intercâmbio social uns com os outros e não tinham interesses nos fúteis problemas dos homens. O epicurismo, na melhor de suas expressões, era deísta e, na prática, era ateu, pois um deus inacessível ou desinteressado dos problemas humanos podia, igualmente, não ter existência real. (TENNEY, 2008, p. 87).

Somada à crença politeísta, havia predominância do pensamento deísta, o qual adota a visão de que, havendo divindades, essas não se relacionariam diretamente com o homem, dando a ideia de divindade distante e basicamente intocável. Já na crença panteísta, é apresentado o pensamento de que Deus e o universo são um só. É a visão de que o universo não é criado por Deus, mas é o próprio Deus, não existindo distinção entre o ser de Deus e o ser do mundo. Com isso, quando se diz que o universo é Deus, seria correto dizer que planetas, árvores, animais, pessoas e absolutamente tudo é Deus e que Deus é absolutamente tudo. Porém, essa também não é uma posição que possa ser aceita pela fé cristã. Caso o panteísmo fosse bíblico, e, assim, verdadeiro, toda ação realizada no universo seria uma ação realizada em Deus e, seguindo a mesma ideia, toda ação má seria uma ação que Deus estaria realizando. Mas Deus não pode

pecar, logo, entende-se que Deus não é um com o universo, conforme se crê no panteísmo. Para Paul Helm (2007, p. 63), o panteísmo não pode ser assumido de forma alguma pelo cristianismo; ele diz que: “Tal ponto de vista não é aceitável ao cristão porque nega a distinção entre Deus e o universo, e anula a ideia da criação, pois uma das características fundamentais da criação é que as criaturas são distintas de seu Criador, e dependem dele para sua existência.”.

Um dos temas relacionados à doutrina da providência é a questão de como Deus cuida da sua criação. Caso seja assumida a ideia panteísta, não seria possível dizer que Deus preserva aquilo que criou, pois estaria tratando de preservar a si mesmo. Seria desprezar a distinção que há entre Deus e toda a criação, excluindo qualquer ideia de intervenção divina no mundo. Sobre a crença panteísta, Bavinck escreve que:

Nessa posição não há lugar para o milagre, a auto-atividade das causas secundárias, personalidade, liberdade, oração, pecado e a religião como um todo. Embora o panteísmo possa se apresentar sob uma forma bonita e sedutora, ele leva seus adeptos novamente a adotarem o destino pagão. Sobre suas premissas, não há existência além da natureza; não há poder maior do que aquele que opera no mundo de acordo com lei firme; não há vida melhor do que aquela para a qual os materiais estão presentes nessa criação visível. Por algum tempo, as pessoas podem se empolgar com a esperança idealista de que o mundo se aperfeiçoará por meio de uma série imanente de desenvolvimentos, mas logo esse otimismo se transforma em pessimismo e o idealismo se transforma em materialismo. (BAVINCK, 2012, p. 611).

Deus é de fato o Criador de todo o universo e antecede transcendentalmente a criação que o pertence. A ideia de relação panteísta é totalmente contrária ao ensino bíblico da providência.

Outras visões continuam buscando ferir o ensino de Deus como sendo o regente soberano do cosmo. O dualismo defende o pensamento de que há uma grande disputa entre o bem e o mal no universo. Logo, Deus e as forças do mal possuem quase que a mesma proporção de forças, sendo necessário da parte de Deus empreender sucessivamente esforços para não permitir que o mal vença, podendo ser surpreendido a qualquer momento.

Apesar de todos os ataques, a doutrina da providência permanece vigente. Porém, a busca do homem por independência de Deus tem feito com que a raça humana se sinta autossuficiente, gerando, nos últimos tempos, uma visão naturalista do mundo. Tudo o que existe funciona unicamente pelas leis da natureza, segundo o seu fluxo. Com essa mentalidade mais atual, não demorou muito para que ganhasse força a ideia de um mundo autogerado, de forma natural, sem influência externa, sem Deus. Agora não apenas o homem buscaria uma autonomia da própria vida, mas uma autonomia da própria existência. Deus não seria mais aquele que conduz o universo e a vida do homem, mas o próprio universo seria a causa da sua

própria existência, e o homem, um ser independente. Não há doutrina da providência pois não há o Deus da providência. Conceito que gera consequências até os dias de hoje em diversos meios cristãos, com a ideia de uma liberdade humana acima da soberania divina.

Quando a humanidade não possui uma estrutura sólida no correto ensino das Escrituras, no que tange especialmente a doutrina da providência, a esperança em Deus se torna fraca. As adversidades se apresentam na vida de cada homem e mulher, e o propósito real da vida, que é a glorificação a Deus, fica esquecido. Muitos têm sofrido por não saberem que rumo seguir; outros, por viverem diante do sofrimento, não conseguem enxergar a mão de Deus em todos os detalhes – inclusive que há propósito nos mais variados conflitos. Para aprofundar o conhecimento do tema, iremos abordar como a doutrina da providência é vista através das páginas do Novo Testamento.

2. A DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA NO NOVO TESTAMENTO

2.1 Um Panorama nos Evangelhos e Atos

Quando nos deparamos com os textos do Novo Testamento, conseguimos encontrar diversas passagens que apresentam a providência de Deus sobre os eventos da história. Um exemplo é o cumprimento das profecias na pessoa de Cristo. Vemos que Jesus é o Rei da linhagem de Davi, como está escrito: “Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai;” (Lucas 1:32). Ou seja, o próprio Deus havia prometido de forma escatológica que estabeleceria “para sempre o trono do seu reino” (2 Samuel 7:13), sendo Jesus o cumprimento dessa promessa na linhagem de Davi. De forma semelhante é conduzido o nascimento de Jesus. Através de um decreto de César Augusto, foi realizado um recenseamento, obrigando José a se deslocar de Nazaré para Belém, por ser José da linhagem de Davi. Assim, Maria, grávida de Jesus, se desloca junto ao seu marido a Belém, onde “ela deu à luz o seu filho primogênito” (Lucas 2:1-6). O nascimento do Messias é predito no Antigo Testamento, sendo nesse mesmo local, Belém, de onde é dito que “sairá o que há de reinar em Israel” (Miqueias 5:2). Essas, assim como outras profecias, nos fazem ver que a mão de Deus no percurso da história é bastante ativa, conduzindo cada detalhe, e que ele nunca falhou. A sua providência não cessou e determina os meios para os seus próprios fins, se utilizando até mesmo de suas criaturas livres para o cumprimento de seus propósitos. Em resposta aos pensamentos filosóficos existentes na atualidade, Deus não é um Deus distante, mas bastante presente.

Vemos que era necessário, com a vinda de Cristo, que ele fosse o sacrifício para

remissão de pecados do povo exclusivo de Deus. Para esse cenário, a Bíblia relata que Judas Iscariotes teve o desejo de trair o Mestre e, por isso, “foi ter com os sacerdotes, para lhes entregar Jesus” (Marcos 14:10). Um dos motivos que o levou a essa deslealdade foi o interesse por riqueza, “porque era ladrão” (João 12:6), e, assim, também quis obter lucro com essa entrega. Paralelamente, encontramos nas Escrituras que “entrou nele Satanás” (João 13:27) e, então, Judas foi possuído. Sendo Jesus entregue por Judas, ou ainda, por intermédio de Satanás, era necessário que ele fosse traído conforme predito, “até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar” (Salmo 41:9). Ou seja, ainda que Judas tivesse um coração inclinado ao mal, e ainda que Satanás tivesse conduzido Judas, foi cumprido o que estava anteriormente determinado nos planos eternos de Deus. O próprio Cristo diz que ele mesmo iria ser entregue “segundo o que está determinado” (Lucas 22:22). Visto isso, podemos afirmar que nada era, é ou será uma surpresa para Deus, nem mesmo a entrega do seu Filho, pois o Senhor guia a história do mundo e, desse modo, a história da redenção.

Além dos quatro evangelhos apresentarem variedades de casos acerca da providência, as demais narrativas do Novo Testamento continuam a tratar sobre o enredo providencial do Senhor, diante da sua Igreja. O relato de Lucas demonstra que, após a vinda do Espírito Santo, homens se levantaram verdadeiramente contra o Ungido de Deus, mas, também, que todas essas ações eram para fazer tudo aquilo que a mão do Senhor e o seu “propósito determinaram” (Atos 4:27-28). Os apóstolos, dias depois, são tirados de uma prisão por meio da ação divina, tendo um anjo do Senhor libertado-os, o que revela que Deus intervém no meio deles para que anunciem “ao povo todas as Palavra dessa Vida” (Atos 5:18-20), mostrando que Deus, além de realizar os seus propósitos, é também Deus presente.

É válido destacar que a providência divina não abrange apenas casos isolados e de extremo significado, mas Deus também age providencialmente nos menores detalhes. Jesus, ao ensinar que é vã a ansiedade do ser humano, destaca, através do cuidado com as aves dos céus, que até desses pequenos animais o Pai é quem cuida. E já que “valeis vós muito mais” (Mateus 6:26), ainda mais ele dará os meios para subsistência de seus filhos. Segundo Franklin Ferreira e Allan Myatt:

A providência de Deus abrange até o cuidado dos animais. Ele sustenta (τρέφο [trep̄hō]) as aves e assim podemos contar com o seu sustento para nós (Mt 6.26). A palavra trephō significa cuidado de um pai na criação dos filhos (Lc 4.16). Os pardais não caem em terra sem que Deus dê seu consentimento (Mt 10.29). Para sustentar as aves, Deus tem o controle dos elementos da criação, das quais elas recebem a sua alimentação. (FERREIRA e MYATT, 2007, p. 316).

2.2 Um panorama da visão Paulina

É interessante analisarmos a vida do apóstolo Paulo de Tarso, homem letrado, culto, altamente capacitado, com cidadania romana e, assim, fruindo de portas abertas por todo o império. Vemos que o apóstolo foi alguém preparado por toda a sua vida para que, no momento específico da história, viesse a proclamar o Reino de Deus, conduzindo o evangelho com profundidade de conhecimento, a fim de alcançar as mais variadas regiões e pessoas. Para Paulo, o maior escritor do cânon do Novo Testamento, o Senhor sempre foi o Deus da providência.

Quando escreve à igreja de Éfeso, o apóstolo diz que Deus elegeu a sua Igreja antes da fundação do mundo e que a predestinou segundo a sua própria soberana vontade (Efésios 1:4,11). Em sua visão, todo o rumo do mundo está sob a mão poderosa de Deus e não há força que consiga alterar isso. É Deus quem age na história e possui total domínio. É o Senhor que retira as escamas dos olhos dos seus e quem busca todo aquele a quem lhe apraz e foi determinado.

A providência de Deus, segundo Paulo, pode ser resumida na declaração de que Deus “faz (ἐνεργέω [*energeō*]) todas as coisas (τὰ πάντα [*ta panta*]) conforme o conselho (βουλὴν [*boulē*]) da sua vontade (θέλημα [*thelēma*]) Ef 1.11). A palavra *boulē* significa que Deus tem um plano, um objetivo e intenção. *Thelēma* mostra que este plano ocorre segundo a sua vontade, o querer de Deus. *Ta panta* deve incluir tudo que acontece, mas no contexto, é claramente incluída a eleição dos que crêem em Cristo. Todas as coisas ele *energeō* (trabalha, produz um efeito, leva a cabo). A bíblia afirma que Deus tem um plano para o universo e que ninguém pode frustrá-lo. (FERREIRA e MYATT, 2007, p. 317). Cremos que todo o universo foi criado pela palavra de Deus e que tudo caminha segundo seu querer, seja nos céus ou na terra. Mas o Senhor não apenas criou o universo, como o tem mantido firmado pelas suas próprias mãos todos os dias. Ele age de maneiras naturais e sobrenaturais ao longo dos tempos, não havendo limites para o seu agir. Ainda que homens maus tentem burlar os planos de Deus, a vontade do Senhor não pode ser rompida. Ao longo da história do cristianismo, servos piedosos enxergaram em Deus as maravilhas de sua provisão sobre a humanidade, seja antes da vinda de Cristo ou nos dias de hoje, e o apóstolo Paulo viu isso muito bem, expressando o rico ensino do cuidado de Deus na condução do mundo.

O conteúdo trabalhado por Paulo nessa perícopes não é exclusivo no Novo Testamento. Comparando a epístola aos Romanos com a escrita aos Efésios, por exemplo, vemos similaridades. Em ambos os registros, Paulo utiliza o termo “propósito”. Em Romanos, ele afirma àquele público que tudo coopera para os que são chamados segundo o propósito de Deus (Romanos 8:28). Não diferente disso, ele escreve aos Efésios que “nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas

conforme o conselho da sua vontade,” (Efésios 1:11); e “segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor,” (Efésios 3:11). Ao analisarmos a intenção de Paulo nesses textos, podemos dizer que o apóstolo, de modo consistente, apesar do público distinto, afirma com contundência que Deus é soberanamente autor de um propósito específico que envolve seu povo e o senhorio de Jesus Cristo. Assim, o apóstolo deixa clara a verdade sobre a condução divina na história do seu povo.

Em Romanos, ele associa a predestinação ao fato de os cristãos terem como finalidade serem conforme Jesus. Em Efésios 1:11, Paulo trata de predestinação também, assim como em Efésios 1:5, que diz “nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade”. A descrição de Paulo quanto à predestinação dos cristãos está associada ao fato de Deus ter separado pessoas que ele escolheu soberanamente, desde antes da fundação do mundo, para receberem da parte do próprio Deus a salvação e glória eterna.

Temas como o chamado eficaz de Deus, a sua justificação e a glorificação que dará aos seus, também são trabalhados tanto na perícopes em estudo, como em demais cartas do apóstolo. Deus dá o Evangelho e o Espírito a todos os seus eleitos, declarando-os justos “mediante a fé em Cristo Jesus” (Gálatas 2:16) e trará a todos os seus eleitos a glória eterna, guiando-os por meio da santificação para se tornarem semelhantes a Cristo, “de glória em glória” (2 Coríntios 3:18). Assim, não apenas a perícopes possui determinadas afirmações, como também se relaciona com outros pontos presentes no corpo do Novo Testamento. Para o apóstolo, é impensável que Deus não esteja conduzindo cada detalhe do mundo. Veremos agora a maneira como Paulo expressa poderosamente a valiosa providência divina em sua carta aos romanos.

3. A PROVIDÊNCIA EM ROMANOS 8:28-30

²⁸ Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.

²⁹ Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.

³⁰ E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

(BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, 2009).

Ao chegarmos no texto base desse trabalho, observamos que o apóstolo Paulo mantém o conflito que há entre os sofrimentos existentes na vida dos fiéis e a glória que virá. Diante das afirmações que ele apresenta, revelam-se as provas e a certeza do amor de Deus para com os seus, proporcionando a segurança aos cristãos, diante do mundo caído em que vivemos. O

apóstolo escreve essa perícopé como uma forma de motivar cristãos a permanecerem firmes no Senhor, mesmo que tudo pareça contrário ao entendimento dos cristãos.

No versículo 28, Paulo inicia a passagem expressando o conhecimento de fé necessário a um cristão frente aos cuidados de Deus, dizendo “Sabemos”. O termo pode ser uma inferência do ensino imediatamente anterior, sobre as aflições da vida cristã, quando o apóstolo instruiu seus leitores sobre como os sofrimentos presentes nunca poderão interromper a salvação que há em Cristo Jesus; antes, são ferramentas de aperfeiçoamento em uma vida ligada a Deus. “O uso que faz da partícula conclusiva [e portanto] não apresenta nenhuma objeção, pois ele tinha o costume de empregar também advérbios indiscriminadamente da mesma forma.” (CALVINO, 2014, p. 340). Para Hendriksen, a explicação quanto ao início dessa passagem pode ser resumida da seguinte forma:

Paulo já demonstrou que, para os que estão em Cristo Jesus, já não há condenação (vs. 1–8). Eles são habitados por esse Espírito que ainda ressuscitará gloriosamente seus corpos (vs. 9–11). Recebem a certeza de que são filhos de Deus, e, como tais, são seus herdeiros (vs. 14–17). Seu atual sofrimento por Cristo e por sua causa significa que, um dia, partilharão de sua glória, uma glória tão maravilhosa que, em comparação com ela, os obstáculos se transformam em nada (v. 18). Eles habitarão aquele novo céu e nova terra pelos quais toda a criação ora geme em expectativa (vs. 19–22). Eles mesmos igualmente gemem enquanto ardentemente aguardam sua adoção (vs. 23–25). O Espírito os auxilia em toda a sua fraqueza. Esse Espírito sempre intercede por eles em harmonia com a vontade de Deus, de sorte que essa intercessão, acompanhada de gemidos inexprimíveis, certamente será eficaz (vs. 26–27). (HENDRIKSEN, 2011, p. 352-353).

Logo, fica claro o uso desse verbo “Sabemos” no início do versículo: Paulo afirma que as aflições dessa vida devem ser por nós entendidas pelo fato de sermos filhos de Deus. John Murray assevera que a melhor forma de iniciar a passagem não é, como algumas traduções se utilizam, com a cláusula “mas”, argumentando que tal pensamento proposto por Paulo “não é adversativo, e sim transicional. Quando o apóstolo disse “sabemos”, estava novamente dando a entender que esta verdade não deve ser contestada” (MURRAY, 2016, p. 382).

Após, o apóstolo continua dizendo que “todas as coisas cooperam”. O que obviamente quer dizer com a palavra “todas” é que se trata de todas as coisas pertinentes ao contexto, ou seja, os sofrimentos. “Naturalmente, isso não significa que eventos além das aflições não operem juntos para o bem dos cristãos, mas apenas que o apóstolo está falando aqui sobre os sofrimentos presentes” (HODGE, 2019, p. 302). Para F. F. Bruce:

Gramaticalmente, “todas as coisas” tanto pode ser sujeito como objeto do verbo “cooperam”, é mais provável que aqui seja objeto. Neste caso, o sujeito será “ele”, que alguns textos antigos (inclusive P46) tornam mais explícito pelo acréscimo de “Deus” no nominativo (acrécimo que torna excessivamente pesada a sentença)

(BRUCE, 2014, p. 142).

Apesar do texto não tratar do assunto detalhadamente, o pensamento central de Paulo tem a ver com a soberania de Deus em fazer tudo convergir no alvo proposto. Dessa forma, o fim para o qual todas as coisas cooperam é “o bem daqueles que amam a Deus”, aqueles para os quais os sofrimentos são bençãos da parte do Senhor. Paulo inicia com a frase "aqueles que amam a Deus" para que não haja dúvidas sobre os que estão envolvidos nas "coisas que cooperam para o bem". Essas coisas são para aqueles que continuamente expressam amor a Deus. Mesmo que o que ocorra seja mau, a sabedoria de Deus se revela no fato de que também isso, no enredo dos planos de Deus, é determinado a atuar para o bem.

Terminando esse versículo, o apóstolo se refere, como uma segunda parte (que não exclui a primeira), àqueles para cujo bem todas as coisas cooperam, isto é, aqueles “que são chamados segundo o seu propósito”. Então conclui-se que há duas atribuições nessa passagem, as quais caminham inseparáveis: os “que amam a Deus” e “que são chamados segundo o seu propósito”. Logo, a ação de Deus ao chamar esses deve ser altamente considerada, tendo um valor expressivo.

A palavra “chamado” não pode ser entendida como um mero convite externo ao Evangelho. Seu melhor significado está associado ao chamado interno de Deus ao homem. “Portanto, a palavra é muitas vezes equivalente a ‘escolhido’, como nas frases ‘chamado para ser apóstolo’ (1 Co 1:1; Rm 1:1) e ‘chamados para pertencerem a Jesus Cristo’ (Rm 1.6)” (HODGE, 2019, p. 302). Também deve ser considerado na narrativa bíblica que os cristãos não amam a Deus antes de serem chamados por ele, sendo válido observar que esse amor parte primeiramente do próprio Deus em direção aos que ele chama (1 João 4:10). Ao falar “segundo o seu propósito”, o apóstolo quer dizer que esses chamados são chamados pelo propósito eterno e determinado de Deus.

A partir do versículo 29, Paulo apresenta o propósito da graça de Deus, a saber, que os cristãos constituem um povo destinado a ser semelhante a Cristo, sendo este o objetivo de Deus desde a eternidade, por graça e misericórdia. Mas para isso o apóstolo apresenta uma ordem de informações que fazem parte dos atos de Deus no homem. Ao dizer “aos que de antemão conheceu”, não podemos interpretar tal conhecimento como uma presciência divina, baseada em uma previsão do futuro (como que Deus olhando para quem iria se converter e, por isso, passando, posteriormente, a “conhecê-los”, por serem boas pessoas em si mesmas). Pelo contrário, devemos interpretar que “Deus estabeleceu seu amor em determinados indivíduos, muito antes de nascerem, alegremente reconhecendo-os como Seus, elegendo-os para a vida e

glória eternas.” (HENDRIKSEN, 2011, p. 357). Portanto, é do total poder de Deus a decisão de se relacionar ou não, eleger ou não alguém previamente, baseado unicamente em seu beneplácito soberano. Para o reformador João Calvino, “O conhecimento antecipado de Deus, mencionado aqui pelo apóstolo, não significa mera presciência, como alguns neófitos tola mente imaginam, mas significa, sim, a adoção, pela qual o Senhor sempre distingue Seus filhos dos réprobos” (CALVINO, 2014, p. 343). “A palavra usada nesse caso pelo apóstolo Paulo, traduzida como “antemão”, é a palavra *Prōginō*. Ela vem de uma forma do substantivo *gnosis*, que é a palavra grega para conhecimento” (SPROUL, 2011, p. 265). Estes que Deus “de antemão conheceu” são, por óbvio, o mesmo grupo a que Paulo anteriormente se refere como tendo sido “chamado” segundo o propósito de Deus.

Aqueles que Deus conheceu anteriormente, ele “também os predestinou”. Hendriksen faz uma excelente avaliação do cenário que Paulo apresenta nessa passagem dizendo que:

Na realidade, “presciência” já implica “predestinação”. Não obstante, há uma diferença de ênfase. Enquanto o primeiro termo dirige nossa atenção para as pessoas a quem Deus elegeu e somente de uma forma geral a seu destino final (vida e glória eternas), o termo predestinação fixa nosso pensamento mais definidamente no propósito para o qual foram eleitos e nos meios de alcançá-lo. Esse alvo não é apenas “entrar finalmente no céu”, mas “conformar-se à imagem do Filho de Deus”. (HENDRIKSEN, 2011, p. 358).

Assim, a predestinação segue o conhecimento prévio de Deus e se fundamenta nele, ficando evidente a ideia de uma eleição soberana. Aos que Deus adota para si, também os conduz para serem conformados à imagem de Cristo, lembrando os cristãos da necessidade de imitarem o unigênito de Deus e o compromisso, ao serem, por adoção, chamados de filhos. Mais uma vez fica claro que é Deus o autor de toda a obra de salvação do homem, uma ação guiada pela mão soberana, realizada por Deus antes mesmo da fundação do mundo (Efésios 1:4), conduzida do início ao fim. Quando é dito que “também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”, o apóstolo quer dizer que, assim como Cristo é, os crentes devem ser também; assim como Cristo é Filho, somos chamados de filhos; e assim como Cristo é conforme a semelhança do Pai, devemos ser conformes à sua semelhança. De igual modo, os sofrimentos da vida cristã podem ser comparados, em certa medida, com os sofrimentos que o Filho de Deus também experimentou, na esperança de que, assim como ele foi exaltado, nós seremos também.

O apóstolo continua o mesmo versículo dizendo “a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos”, nos mostrando que o propósito de Deus para os homens predestinados é que Cristo seja identificado como o ponto central de tudo, a saber: “que ele seja o primogênito

entre muitos”. Deus, desde a eternidade, tinha soberanamente um propósito de salvação: que, ao enviar seu Filho ao mundo, ele faria expiação pelos eleitos, e todo homem somente seria salvo por intermédio de Jesus. “Sua glória, como a glória de Deus na forma mais elevada de sua manifestação, é o grande objetivo da criação e redenção” (HODGE, 2019, p. 306). O objetivo de Deus, portanto, é que Cristo seja reconhecido como o Primogênito, o Cabeça, o Chefe da multidão daqueles que também podem ser chamados de filhos de Deus.

A conclusão dessa exposição se encontra no versículo 30, finalizando a série de categorias que o apóstolo apresenta a respeito dos que pertencem ao Senhor. Continuando o que Paulo havia dito, quanto aos que foram chamados segundo o propósito de Deus, esses foram conhecidos/escolhidos, predestinados; agora o apóstolo apresenta mais três novas categorias, expressas pelos verbos “chamou”, justificou” e “glorificou”. Todos esses atos são vistos como atos realizados por Deus, e não podem ser atribuídos ao próprio homem. Apesar dessa certeza, Stott deixa-nos clara a importância e a necessidade da proclamação das boas novas de Cristo:

O chamado de Deus é a aplicação histórica da sua predestinação eterna. Seu chamado chega às pessoas por meio do evangelho; quando esse evangelho é anunciado a elas com poder e elas lhe respondem com a obediência da fé, aí é que se sabe que Deus as escolheu. Assim a evangelização (o anúncio do evangelho), longe de se tornar supérflua em virtude da predestinação de Deus, é indispensável, pois é exatamente ela o meio proporcionado por Deus para que o seu chamado chegue às pessoas e desperte a sua fé. (STOTT, 2000, p. 305).

Podemos considerar, diante do que foi exposto pelo apóstolo, que a aplicação da redenção possui uma ordem. Essa ordem inicia nos planos predeterminados por Deus na eternidade, alcançando o momento da glorificação dos corpos de seus filhos. Assim, dando continuidade ao versículo anterior, é dito que aos que Deus “predestinou”, a esses ele “chamou”. Vale destacar que, quando Deus “conheceu” e “predestinou” alguém, isso se refere a aplicações ocasionadas antes que houvesse tempo, na eternidade; mas ao analisarmos o momento em que Deus “chamou”, devemos qualificar esse chamado dentro da linha temporal da história de todo homem que recebe o chamado específico. De igual modo, a justificação ocorre na imputação do caráter de Cristo no homem, quando este o reconhece como Salvador, tema esse bastante trabalhado por Paulo nessa carta. “O tempo aoristo grego usado aqui pode expressar a ideia de frequência” (STOTT, 2000, p. 307), em que podemos entender que aqueles que ele chama, ele, de igual modo, justifica.

O ponto ápice para os cristãos que possuem o conhecimento dessa passagem, em associação com a mensagem de toda a Escritura Sagrada, é a glorificação futura, quando

teremos a certeza da liberdade plena do mundo caído. Ainda assim, o apóstolo apresenta aos cristãos algo diferenciado. É dito que Deus os “glorificou”, dando a ideia de algo que já ocorreu, diferente de uma ideia de glória futura. Paulo não somente anseia pela glória vindoura, mas, diante dos atos de Deus, confiante na sua providência que não falha, apresenta aos cristãos a certeza de que esses podem contar com a garantia da glorificação futura já em seus atuais momentos, ainda que sob os sofrimentos evidentes. Já que é Deus quem cuida, do início ao fim, do processo de salvação do seu povo, é impossível que ele falhe. Logo, é impossível também que aqueles que ele “conheceu”, “predestinou”, “chamou” e “justificou”, na certeza plena do cumprimento de suas promessas, não estejam assegurados pelo Senhor até o fim. Pois todos esses atos são indissolúveis do processo de redenção. “Essa é a própria ideia que o apóstolo apresenta para o consolo e encorajamento dos crentes. Eles não têm motivo para desânimo se são filhos de Deus e são chamados de acordo com o seu propósito, porque nada pode impedir a salvação deles” (HODGE, 2019, p. 303).

Em síntese, podemos afirmar que, quando Paulo apresenta os seus argumentos em Romanos 8:28-30, ele quer argumentar que os cristãos têm o dever de confiar na obra providencial de Deus em todos os aspectos de suas vidas, ainda mais diante dos sofrimentos. Essa confiança vem de saber que há um propósito em Deus para os seus filhos, aos quais ele garante a salvação desde a eternidade e até a consumação dos tempos. Nada poderá alterar os propósitos de Deus para tornar os cristãos à imagem de seu Filho, pois é o próprio Senhor quem os “conheceu”, “predestinou”, “chamou”, “justificou” e “glorificou”, o que torna a garantia da caminhada cristã uma certeza de fé nas mãos de Deus.

4. IMPLICAÇÕES DE ROMANOS 8:28-30 PARA A IGREJA NA ATUALIDADE

O texto de Romanos 8:28-30 é de precioso valor para o corpo de Cristo, a Igreja. Paulo deseja orientar os crentes de Roma a não temerem diante das incertezas presentes em suas vidas, sendo esse um ensino extremamente importante para a igreja nos dias de hoje. Anteriormente (8:26-27), ele ensina que o Espírito Santo intercede pelos cristãos por conta de suas fraquezas. O homem, sendo pecador, se encontra em um estado de total indisposição em relação a Deus. Então, devido à limitação e fraqueza da raça humana, Deus concede do seu próprio Espírito para que esse os ajude em decorrência das necessidades que possam ocorrer.

Quando o Espírito Santo age na vida dos cristãos, esse mesmo Espírito possibilita que todas as coisas trabalhem para o bem dos que amam a Deus. O plano de Deus por meio do Espírito, então, é guardar, proteger e guiar os seus filhos até o fim. Ainda que em meio às

grandes dificuldades do cotidiano, podemos saber que Deus está conosco. O apóstolo diz que “todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus”, porém isso pode deixar a impressão de que: (1) quem ama a Deus não sofrerá aflições; (2) quem sofre certos males não deve amar verdadeiramente a Deus, já que sofre. Essas duas afirmações são completamente falsas. O que o apóstolo quer nos apresentar é que, tanto as coisas boas que nos provêm, quanto as más situações que nos circundam, trabalham em favor de Deus por nós. O sofrimento é parte da caminhada cristã, sendo afirmado por Paulo anteriormente também ao dizer que “os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (8:18). Crentes também sofrem, mas esperamos ansiosamente pela revelação gloriosa de Deus. Para Sproul:

Sabemos, a partir do ensino da Escritura, que o nosso destino final como cristãos é para o céu, um lugar, como nos é dito no livro do Apocalipse, onde não haverá noite, nem morte nem lágrimas. No céu, vamos viver para sempre, sem sofrimento e sem dor. O ambiente do céu nunca será arruinado pela presença do mal ou pecado. O céu é um lugar onde nada dá errado e o mal não tem lugar. O céu é um lugar pelo qual esperamos com alegre antecipação [...]. (SPROUL, 2011, p. 254)

O Novo Testamento, assim como a história da igreja, é repleto de testemunhos de cristãos que sofreram em nome de Cristo. O maior exemplo de amor diante de Deus é o apresentado pelo próprio Jesus, ele ensina e convida os seus discípulos a tomarem sua cruz, segui-lo e sofrerem em seu favor. Não somente isso, mas o próprio Cristo, que ama verdadeiramente o Pai, sofre aqui nesse mundo, sendo um exemplo para a Igreja. Dessa forma, podemos ver que nenhum sofrimento é sinal de um distanciamento de Deus, visto que Jesus Cristo sofreu até a morte. Mas os sofrimentos servem para nos preparar para o bem que Deus tem reservado a nós, um bem supremo, para que sejamos semelhantes ao seu Filho Jesus (8:29), um bem que é superior a tudo o que existe. Devemos reforçar que não estamos sozinhos, mas que Deus tem conduzido cada um dos seus para este fim sublime Assim, Sproul afirma que não há o que temermos em meio aos sofrimentos:

Uma das mais antigas afirmações da igreja antiga resume a essência do relacionamento entre Deus e seu povo: Deus *pro nobis*. Significa “Deus por nós”. Isso é a essência da doutrina da providência. É Deus sendo por seu povo. “Que diremos, pois, à vista destas coisas?”, pergunta Paulo. Se Deus é por nós, quem pode ser contra nós, e quem pode nos separar do amor de Cristo? Será a tristeza, o perigo, a espada, a perseguição, o sofrimento, a enfermidade ou a hostilidade humana? Paulo está dizendo que, não importando o que tenhamos de suportar neste mundo, como cristãos, nada tem o poder de desfazer o relacionamento que temos com uma providência amorosa e soberana. (SPROUL, 2017, p. 123)

O apóstolo Paulo continua ensinando para a igreja as garantias na poderosa mão de Deus, mesmo em dor e angústias, e que o plano eterno do Senhor não falhará, de modo que todo cristão deve permanecer com fidelidade e piedade, pois o trabalho do Espírito é que os conduzirá até o último momento. Deus preparou um plano na eternidade para que todos os cristãos verdadeiros contemplessem a salvação em Cristo. Para isso, nos tempos eternos, ele conheceu de antemão os seus filhos, antes que viessem à existência, e os predestinou. Em seguida, chamou-os eficazmente para responderem ao Evangelho e os justificou – ação evidenciada na mudança de vida do homem que faz parte do corpo de Cristo. Deus transforma o coração dos seus filhos e, então, coloca a justiça de Jesus neles. Ao fim, o mesmo Deus que realizou todas as coisas por nós, para sermos conformes o seu Filho, nos glorificará. Isso é tão certo para nós que o apóstolo usa o tempo verbal pretérito, como se a glorificação que teremos fosse algo já ocorrido, ele diz aos cristãos que Deus os “glorificou” (8:30). A nossa salvação está nas mãos de Deus, do início ao fim; dos tempos eternos anteriores até os tempos vindouros, somos assegurados pelo Criador de todas as coisas. Para João Calvino, não há mal que possa impedir a ação providencial de Deus. Ainda que em um primeiro momento não compreendamos, tudo coopera para um propósito glorioso:

Quando densas nuvens ocupam o céu e cai uma violenta tempestade, uma vez que também os olhos sejam impedidos por uma triste escuridão, e percutem trovões aos ouvidos, e todos os sentidos sejam tomados pelo terror, tudo nos parece confuso e agitado, e, no entanto, sempre permanece no céu a quietude e a serenidade. Assim, deve-se estatuir que, enquanto as coisas no mundo parecem turbulentas ao nosso juízo, a partir de sua pura luz de justiça e sabedoria, Deus, por um movimento excelentemente composto, a elas regula e dirige para o fim devido. (CALVINO, 2008, p. 197).

Para a Igreja, Paulo deixa claro que o conforto, segurança e esperança devem ser depositados em Deus. E, infinitamente melhor do que termos as garantias de uma vida plena em nossas próprias mãos, é termos as nossas vidas na condução perfeita do Senhor da Providência, que nos assegurará mesmo após longos percursos, e nos levará a uma morada perfeita através do seu poderoso agir

CONCLUSÃO

Ao fim desse artigo, que trata das contribuições de Romanos 8:28-30 para a Doutrina da Providência, podemos concluir que Deus é extremamente bondoso e generoso para os que o amam, para os seus filhos. Ele conduz cada detalhe do mundo e nos mantém graciosamente participantes do seu plano redentor. Soberanamente faz com que nós, seres frágeis e

inconstantes, tenhamos a certeza de que ele tem agido para o nosso bem, em nosso favor, pois estamos em Cristo Jesus. Logo, como vimos inicialmente, não podemos considerar o pensamento do mundo como legítimo e válido para adotarmos. Nos pensamentos que divergem da Bíblia, o mundo anda desgovernadamente, sem rumo, e, com isso, conseguimos perceber os resultados latentes da sociedade ao buscarem se afastar da presença de Deus na atualidade. Mas, nós, seus filhos, temos a plena convicção de que a providência do Senhor opera a todo instante. Vimos também que a doutrina da providência é bastante expressiva nas páginas das Sagradas Escrituras, pois Deus tem guiado o rumo da história por meio de suas próprias mãos, inclusive todos os aspectos da redenção. O Novo Testamento é a confirmação das promessas anunciadas anteriormente e Cristo é a coroa que revela a vontade do Pai. A direção de Deus é confirmada nos escritos neotestamentários e, em grande parte, pelas cartas do apóstolo Paulo, ficando claro o cuidado de Deus sobre o seu povo nas Escrituras. Com maior destaque no texto em estudo, Romanos 8:28-30 nos faz perceber que a certeza cristã está alicerçada nos propósitos eternos de Deus e que nada poderá alterar isso, pois não somos do mundo, mas somos dos céus e por isso podemos ver a condução do Senhor em tudo.

Esse estudo serve para me mostrar que, ainda que pareça que nada caminhará para o meu bem, ele é o Deus da minha vida, da minha história e da minha salvação e tem me conduzido, assim como a toda sua Igreja, para uma vida eterna de alegria e paz na sua presença, trabalhando o verdadeiro bem em nossas vidas. Fazer-nos semelhantes a Cristo é o auge do que podemos ter como o bem de Deus para nós. A certeza de que ele, eternamente, cuida de nós e nos prepara para Aquele dia é maravilhosamente confortante, e nos motiva a caminhar cada dia mais em favor do seu nome, na certeza de que ele age para o nosso bem.

Por isso, todos nós podemos nos entregar verdadeiramente ao senhorio de Cristo. Ele é Deus Emanuel, Deus presente, Deus conosco e nos guarda pelo poder do Espírito Santo para todo o sempre. Saber disso é motivo para imensa gratidão, conforto e esperança. Gratidão, porque Deus já realizou muitas coisas por nós, que não somos merecedores. Conforto, porque, mesmo diante de todo o mal do mundo, estamos seguros nas mãos do Todo-Poderoso Deus. Esperança, pois esperamos confiantes o dia da volta do Senhor, quando seremos glorificados e habitaremos com ele para todo o sempre, onde não haverá mais choro, não haverá mais dor e, enfim, poderemos contemplar a presença de Deus de forma nunca experimentada anteriormente.

Dessa forma, podemos desejar, todos os dias, que o plano eterno de salvação se conclua na vinda gloriosa de Jesus. Seja escassez, seja injustiça, seja sofrimento, podemos confiar na poderosa obra de Deus em todas as coisas, pois são instrumentos dele para nos conduzir para o

nosso bem.

REFERÊNCIAS

BAVINCK, H. **Dogmática Reformada: Deus e a criação.** Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BERKHOF, L. **Teologia Sistemática.** Tradução de Odayr Olivetti. 4. ed., São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BÍBLIA de Estudo de Genebra. 2. ed., São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

BRUCE, F.F. **Romanos: Introdução e comentário.** Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 2014. (Série Cultura Bíblica)

CALVINO, J. **A Instituição da Religião Cristã.** Tradução de Carlos Eduardo de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2008. Tomo I.

CALVINO, J. **Romanos.** Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: FIEL, 2014. (Série Comentários Bíblicos)

CAMPOS JÚNIOR, Heber Carlos de. **Triunfo da fé: Lidando com o problema do mal - Um estudo em Habacuque.** São Paulo: Fiel, 2012. (E-book Kindle).

FERREIRA, F.; MYATT, A. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual.** São Paulo: Vida Nova, 2007.

HELM, P. **A Providência de Deus.** Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. (Série Teologia Cristã)

HELM, P. **A Providência secreta de Deus: A glorificação de Deus na apresentação e defesa da doutrina da providência e da soberania divina.** Tradução de Elizabeth Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

HENDRIKSEN, W. **Comentário do Novo Testamento: Romanos.** Tradução de Valter Graciano Martins. 2. ed., São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HODGE, C. **Romanos.** Tradução de Sharon Barkley. São Paulo: PES – Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2019

HODGE, C. **Teologia Sistemática.** Tradução de Valter Martins. São Paulo: Hagnos, 2001.

HORTON, M. **Doutrinas da fé cristã: Uma teologia sistemática para os peregrinos no Caminho.** Tradução de João Paulo Thomaz de Aquino. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

KELLER, T. **Romanos 8-16 para você.** Tradução de Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MURRAY, J. **Romanos: Comentário Bíblico.** Tradução de João Bentes. São Paulo: FIEL,

2012.

PATE, C.M. **Romanos**. Tradução de Suzana Klassen; Vanderlei Ortigosa. São Paulo: Vida Nova, 2015. (Série Comentário Expositivo)

PEIXOTO, L. B. **A mão de Deus ou o dedo do diabo?:** A mensagem do profeta Joel e a providência de Deus na história. Brasília, DF, Brasil: Box 95, 2020.

POHL, A. **Carta aos Romanos:** Comentário Esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999.

SPROUL, R.C. **Estudos Bíblicos Expositivos em Romanos**. Tradução de Heloisa Cavallari; Márcio Santana Sobrinho; Mary Lane. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

SPROUL, R.C. **Somos Todos Teólogos:** Uma Introdução à Teologia Sistemática. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São Paulo: Fiel, 2017.

STOTT, J.R.W. **A mensagem de Romanos**. Tradução de Silêda; Marcos D.S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2007.

TENNEY, M. C. **O Novo Testamento sua origem e análise**. Tradução de Antonio Fernandes. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.